

## O ALINHAMENTO DE MARTE E O NASCIMENTO DE ARTHUR KOESTLER: SOBRE O AUTOR

Jânder Baltazar Rodrigues\*  
Zélia R. Nolasco dos Santos Freire\*

**Resumo:** este artigo faz parte de uma pesquisa maior, intitulada “O Deus material de Arthur Koestler: dessacralização e liquidez”, e que se realiza no âmbito do programa do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. A finalidade deste é apresentar a figura biográfica do autor em questão, Arthur Koestler, com base em uma de suas obras autobiográficas, *Arrow in the blue* (1952), bem como a correlação estabelecida entre os fenômenos pessoais da vida do escritor e a descrição de suas personagens em sua narrativa. Para tanto, efetuaremos uma listagem de suas obras, das quais exporemos algumas, como *Arrival and departure* (1943) e *Darkness at noon* (1940), conforme os traços biográficos que puderam ser observados.

**Palavras-chave:** biografia; literatura húngara; *Arrow in the blue*.

### *THE MARS ALIGNMENT AND THE BIRTH OF ARTHUR KOESTLER: ABOUT THE AUTHOR*

**Abstract:** this article is part of a larger study, entitled "The material God of Arthur Koestler: desecration and liquidity," and it takes place within the Master's program in *Letras* at the Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. The purpose of this paper is to present the biographical figure of the author in question, Arthur Koestler, based on one of his autobiographical works, *Arrow in the Blue* (1952), and the correlations established between the writer's life and the description of the characters in his narrative. For this purpose, we will conduct a survey of all his works, some of which we will expose, as *Arrival and departure* (1943) and *Darkness at Noon* (1940), observing the biographical traits that could be found.

**Key words:** biography; Hungary literature; *Arrow in the blue*.

No meio acadêmico, costumamos ouvir que a biografia do autor é, por vezes, irrelevante no material de nossas análises ou que, pelo menos, não deveríamos utilizá-la como princípio motor de nossas reflexões, tão somente como base e fundamento para o que nos destinamos a construir. Entretanto, cremos que alguns casos possam ser

---

\* Mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

\* Professora Titular da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Pós-Doutorado em Literatura e Educação pela PUC-Rio. Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

validados quando a figura do autor em questão não é exclusivamente tratada como eixo da pesquisa, ou então, nos casos em que a figura do mesmo não é exaustivamente conhecida pela academia; podendo esta, a biografia, também vir a ser útil, quando verificamos que apresenta pontos de contato muito fortes com a obra; e então se diversificam as situações e não é mais de nosso fito discorrer sobre a questão. Melindres à parte, Arthur Koestler aparenta se encaixar em todas as situações que enumeramos: não é consagrado e sua vida pessoal se emaranha constantemente com a vida de algumas das suas personagens, em especial: *Peter Slavek*.

Poderíamos começar a descrever Arthur Koestler justamente como Anatol Rosenfeld (1967) inicia sua introdução ao compêndio de narrativas *Entre dois mundos*, onde trata a respeito de Franz Kafka. A paráfrase começaria desta forma: “a situação do narrador se interpreta como a do estranho. Como judeu, não pertencia totalmente ao mundo cristão” (ROSENFELD, 1967, p. 5). E então seguiríamos com isto: “e como judeu indiferente” – pois foi por mais simpatia política do que religiosa que ingressou no movimento sionista, de onde resultou seu romance *Thieves in the night* (1946) – “não pertencia totalmente aos judeus”, uma vez que rejeitava completamente a ideia tradicional de que os judeus fossem “os escolhidos” de Deus entre as nações e demarcasse, acentuadamente, que isto constituía uma contradição na língua daqueles que protestavam contra a discriminação racial que sofriam, visto que, apesar de vítimas, afirmavam vigorosamente sua superioridade racial com base no testamento firmado entre Jeová e Jacó. Embora seu avô materno fosse um severo observador da lei mosaica, segundo se lê em *Arrow in the blue* (1952), e lhe permitisse que comesse presunto. Aliás, avô do qual teria lhe derivado o sobrenome, Koestler, constituído de uma fraude em documentos para ocultar o verdadeiro, que se perdera; aparecendo assim, ora como Köstler, ora como Kestler e ora como Keztler, conforme constasse em um dos vários documentos que passou a usar depois que fugira da Guerra da Criméia, atravessando a Rússia e as montanhas da Hungria.

Dentre as obras produzidas pelo autor, constam: *Darkness at noon* (1940), que narra o percurso final de um prisioneiro, Rubashov, político sentenciado à morte pelo crime de traição ideológica e fatural; *Arrival and Departure* (1943), traduzida para o português primeiramente por Berenice Xavier, carregando o título de *Cruzada sem cruz* (1948) e, posteriormente, por Juliana Borges, sob o título de *Chegada e Partida* (2000); *Thieves in the night* (1946), romance escrito durante seus anos na Palestina; e então uma série de obras “místicas”, como: *The Age of Longing* (1951); *The Call Girls* (1972); *The*

*Sleepwalkers* (1959) – primeiro livro de uma trilogia sobre a consciência humana, seguido por *The Act of Creation* (1964) e por *The Ghost in the Machine* (1967). Ao que também encontramos outros títulos, como: *The Yogi and the Commissar* (1945); *The Case of the Midwife Toad*. Quatro obras autobiográficas: *Arrow in the blue* (1952), título que exploraremos nesta pesquisa, no intuito de vislumbrarmos detalhes do pensamento e da vida do autor; *The invisible writing* (1954), *Dialogue with Death* (1937), *Scum of the Earth* (1941) e *The God that Failed* (1949); além de obras como *Bricks to Babel* (1980); *The Roots of Coincidence* (1972); uma dúzia de ensaios e uma peça de teatro, denominada *Twilight Bar* (1945).

No início de *Arrow in the blue* (1952), ou ainda, em tradução livre: *a seta no azul*, escrita quando o autor contava ainda com quarenta e seis anos, Koestler descreve o período compreendido entre os anos de 1905 – o ano de seu nascimento, ao quinto dia de setembro – e o de 1931, principiando por nos apresentar a teoria de que motivadores místicos contribuiriam para a determinação dos fatos, tanto quanto os motivadores de caráter material e social; entre tais fatores místicos: a posição dos astros. Em *The Horoscope*, primeiro capítulo, Koestler (2005, p. 15) nos diz que:

*The idea is not as farfetched as it might appear. Astrology is founded on the belief that man is formed by his cosmic environment; Marx held that he is the product of his social environment. I believe both propositions to be true: hence the idea of the secular horoscope. The reason why it did not occur to people long ago is, I believe, that until the relatively recent invention of the daily newspaper they had no sure means of finding out what was happening on this earth at the moment of their birth.<sup>1</sup>*

E precisamente por isso que teria o autor procurado o escritório do *The Times* na *Printing House Square* de Londres e pedido pelo registro dos informes precedentes à manhã de seu nascimento. Papéis que marcavam acontecimentos anteriores às três horas da tarde do dia 5 de setembro de 1905. Registros contendo um elevado número de anúncios de venda de carruagens e cavalos; uma assembleia entre *lords* da *Royal Commission on the Motor Car* para discutir a respeito da injúria provocada pelos automóveis no trânsito das ruas; o aviso solitário de um cavalheiro que tentava conseguir alguma quantia em troca de um *28-36 Daimler Motor Car*; uma série de

---

<sup>1</sup> A ideia não é tão absurda quanto pode parecer. A Astrologia é fundada na crença de que o homem é formado por seu ambiente cósmico; Marx sustentou que o homem é o produto do meio social. Eu acredito que ambas as proposições são verdadeiras: daí a ideia do horóscopo secular. A razão pela qual esta ideia não ocorreu às pessoas há muito tempo é, creio eu, que até a relativamente recente invenção do jornal diário, elas não tinham meios seguros de descobrir o que estava acontecendo no mundo, no momento de seu nascimento (Nossa tradução).

senhoras publicando notas de recomendação para seus antigos criados, assinalando “*excellent*” conjuntamente aos seus nomes e qualidades, e então mais uma quantia de anúncios de cavalos e carruagens. Notícias estas que lhe pareciam não despertar muito o “sentido místico” até que, segundo nos diz o autor, teria se deparado com fatos intrigantes, conforme se aproximava do momento de seu nascimento e do momento do alinhamento planetário com Marte.

Publicavam-se notícias a respeito de um jantar oferecido pelo Rei Edward para vinte e nove convidados na Boémia, incluindo a Duquesa Adeline de Bedford e a Princesa Murat de não se sabe onde; ao que se informava sobre a cólera ter explodido na Prússia e o Príncipe Henry, do respectivo país, estar comandando uma Divisão de Destroieres no Báltico; os registros da pesquisa de Koestler, para o dia de seu nascimento, também apontavam para o surgimento de uma tensão entre franceses e alemães. No grosso maço de recortes para o dia que solicitara Koestler, brotavam notícias perturbadoras sobre revoltas no Cáucaso, casas incendiadas e o avanço de tropas por posições estratégicas ao redor da Europa. Na Rússia, sucedia-se o prelúdio da primeira greve geral da idade moderna; “terroristas socialistas” praticavam atos contra o império, ao que contrarrevolucionários, alguns sobre o escudo de uma ordem denominada de *Black Hundred*, com a conivência do governo e da polícia, engajavam-se nos assim chamados *pogroms* (ataques violentos e massivos de saque e destruição) às comunidades judaicas.

Era ainda mais perto de seu nascimento e, na localidade de *Kishineff*, uma mulher havia sido morta por vândalos e seria enterrada naquele preciso dia em um funeral ao qual compareceram judeus e trabalhadores russos sob protesto fúnebre; policiais e cavaleiros com espadas desembainhadas dissolveram a procissão, disparando tiros e deixando vasto número de mortos e feridos; o caixão teria sido deixado no chão e removido por simpatizantes; o comandante da tropa teria se negado a prestar informações. Koestler, a respeito disso, afirmou que “*It sounded to me like the turning of the orchestra just before the conductor lifts his wand*” (KOESTLER, 2005, p. 19) e as enervações de seu horóscopo tomavam forma.

Em seguida, conforme ainda nos debrucemos sobre *Arrow in the blue* (1952), o autor menciona um elogio, por parte do *The Times*, à conduta do Imperador Japonês, que assinara um tratado de paz com a Rússia; o editor do jornal inglês menciona a

---

<sup>2</sup> Parecia-me o afinar da orquestra, pouco antes de o condutor levantar sua varinha (Nossa tradução).

submissão do indivíduo à família, à tribo, ao estado e à nação, como boas qualidades que o Oeste ainda tinha de aprender com o Leste. Elementos valorativos que, curiosamente, estão presentes na fala de uma de suas personagens, Bernard, o emissário nazista em terras estrangeiras, da obra *Arrival and Departure*. Bernard faz contraponto a Peter Slavek, seu discurso é impregnado de ordem e controle governamental; para esta personagem, o controle estatal deveria se alastrar a nível genético, a ponto de não existirem leis ou forças institucionais enquanto vigilantes dos indivíduos, que seriam transformados em membros, órgãos precisos e operantes, como em um ninho de formigas. Este primeiro capítulo, Koestler encerra dizendo que à época de seu nascimento, “*the sun was setting on the Age of Reason*”<sup>3</sup> (KOESTLER, 2005, p. 22), provavelmente não só aludindo aos dois grandes conflitos bélicos que se sucederiam, mas também aos fatores que os gerariam.

Neste ponto, cabe que elenquemos alguns questionamentos acerca da natureza de sua busca “mística” e “astral”. Referimo-nos àquilo que tange à localidade de produção das informações que o autor teria buscado para justificar o alinhamento de Marte com os acontecimentos à época de seu nascimento. Primeiramente, porque é de se imaginar que jornais produzam notícias e editoriais segundo pontos de vista, produções que são condicionadas por diferentes fatores: o posicionamento político, a economia do país, o país em si, local em que se escreve, etc. Talvez Koestler considerasse que motivadores imateriais estivessem também envolvidos no processo. Mas esta consideração se faz interessante no momento em que nos perguntarmos: por que Koestler procurou um jornal inglês? O *The Times*? E então chegaríamos à sua naturalização, como húngaro, nascido em Budapeste, por que teria procurado informações em um jornal de Londres? Por quantas terras teria o autor passado? E a que lugar pertenceria? Qual era seu idioma materno? Sua religião? E de onde derivavam suas convicções? E, talvez depois, cheguemos mesmo a responder: não pertencia a lugar nenhum.

Em relação à infância de Arthur Koestler, podemos notar traços interessantes que o parecem ligar a algumas características e descrições de suas personagens. As características, por exemplo, que Peter, personagem de *Arrival and Departure*, imputa ao pai, ligam-se estritamente às que o autor atribui à própria mãe e, em parte, também às governantas que lhe sucederam durante os primeiros anos. Koestler menciona que sua

---

<sup>3</sup> O sol se punha sobre a Idade da Razão (Nossa tradução).

educação teria tido uma espécie de orientação espartana, desencadeando uma série de medos e punições injustificadas. Dados que constituíam o que veio a chamar primeiramente de “*Ahor – the institucional, archaic horror*” e compreendia entre suas sombras, o medo de ser atado à cadeira do dentista e operado durante largas horas, em um tempo onde ainda nem o éter era anestésico, vomitando e engolindo sangue, sob jatos de vômito e dor, ou então, mais posteriormente, já com o uso do éter, estar novamente preso a uma mesa, esperando para que lhe operassem da apendicite; evento, a termo de nota, que a personagem *Peter* também menciona. Conforme nos diz Koestler, no capítulo quarto de sua biografia, “*The tree of Guilt – Ahor and Babo*”, o que lhe teria dado conforto após os anos, havia sido um livro de contos denominado *Tales of Munchausen*, onde lera “*Babo, the Baron in the bog*”, conto que relatava como *Babo*, personagem de tal conto, tivera se salvado da queda de um poço apenas por puxar-se a si mesmo para fora, segurando-se a si pelos próprios cabelos. De alguma forma, o conto lhe ensinara a tirar resistência de si, coisa que posteriormente veio a utilizar quando caiu nas garras das tropas de Franco, em 1937, enquanto trabalhava como correspondente para o *News Chronicle*, e que estão presentes ainda nas narrações do autor.

E então, em “*The hour glass*”, Koestler descreve sua infância como sendo solitária, tendo um ou dois contatos com outras crianças durante os *jours* que seu pai oferecia aos seus associados de comércio. O pai de Arthur Koestler era uma criatura excêntrica que, apesar de já ter investido no grande trambolho de uma máquina gigantesca, cuja única função consistia em abrir envelopes, ainda conseguia extrair uma boa quantia monetária para que levassem uma vida de pequeno-burgueses. Um dos últimos investimentos de seu pai consistira numa fábrica de sopa radioativa, que em seguida foi estatizada pela revolução e pela ascensão do regime comunista húngaro, o qual durou cerca de cem dias. Nas horas que precediam os *jours* oferecidos por seus pais, Koestler passava horas fitando um relógio com o tampo de vidro, imaginando como seriam as crianças dos convidados, planejando as brincadeiras que não havia ainda brincado, etc. Ainda com nove anos, relata a visão de um antigo membro da sociedade monárquica, arrasado pela inflação do pós-guerra (a guerra em questão é a Primeira Guerra). Trajado com elegância, o homem adentra em um restaurante caro e pede coisas refinadas, que come como se fossem amargas ou não tivessem gosto. Koestler adentra ao restaurante, repleto de novos ricos, compra uma barra de chocolate

e apenas passa por perto do homem, movido por curiosidade; sua nobreza era reconhecida por um brasão abotoado ao peito.

Em relação ao seu primeiro contato com o regime comunista, descreve-nos uma série de boas impressões, coisa que parecia dominar o clima geral após a Primeira Guerra; as pessoas estavam fartas das velhas políticas, desiludidas com o que resultara do Imperialismo e da corrida que este desencadeara ao redor do globo, de forma que o comunismo era uma coisa nova e que dominava o ar, ou seja: “*the new revelation from Russia had a fresh, unusual ring. To many, on a continent in shambles, it sounded like the voice from Sinai*”<sup>4</sup> (KOESTLER, 2005, p. 82).

Além do mais, com cerca de quatorze anos, Koestler presenciara grandes aglomerações de trabalhadores, vindos do campo, invadirem Budapeste e espantarem a população que, pelo visto, jamais os tinha visto antes, com suas roupas e instrumentos rudimentares. Situação que se agregava a outra, de mesma essência, na qual se lembra de ter ingressado numa marcha fúnebre que carregava os caixões de alguns operários, e de ter dado gritos de morte aos nobres, etc. Coisas que posteriormente vieram a constituir o relicário de imagens da infância que o aproximaram sentimentalmente do comunismo enquanto movimento.

Aos dezessete anos, Koestler, vivendo com a família em Viena, para onde se deslocaram em razão de uma das constantes falências de seu pai, o autor veio a ingressar, pela recomendação de um associado e amigo de seu pai, em uma das ordens estudantis da *Technische Hochschule*, a escola técnica de Viena, onde se envolveria nos estudos da Engenharia. O ano era aproximadamente o de 1922. Na *Technische Hochschule* existiam pelo menos três centros étnicos e ideológicos que norteavam a formação das ordens estudantis, as assim chamadas, *Korps*: uma linha pangermânica, sobretudo ariana; uma linha liberal e uma terceira, a sionista, na qual Koestler veio a se alistar, denominada: *Unitas*. De maneira que o teor destas corporações determinava o perfil dos acadêmicos agremiados, por assim dizer.

O propósito de tais grupos, embora sempre se alegasse a busca fraternal e científica pelo conhecimento, constituía uma explícita disputa entre as castas, que eram treinadas e constituídas na arte do sabre, nas práticas de duelo, normas de honra e etc. Coisas que resultavam em tumultuosos conflitos públicos durante os desfiles de tais ordens estudantis, e na distribuição de cortes e navalhadas entre os seus respectivos

---

<sup>4</sup> A nova revelação da Rússia tinha um toque renovado, incomum. Para muitos, em um continente em ruínas, soava como a voz do Sinai (Nossa tradução).

integrantes. Segundo Koestler, os arianos alegavam sua supremacia enquanto “povos da terra”, e os liberais se uniam aos sionistas, confraternizados pelos ideais da burguesia. No que concerne ao ponto de vista, ou seja, no que concerne à perspectiva pela qual narra o autor – lembrando que ainda tratamos de *Arrow in the blue* – pode-se perceber que a mencionada *Unitas*, representava, observando-se historicamente e socialmente, uma espécie de agremiação de defesa, uma instituição juvenil e paramilitar com o propósito de “unificar” jovens judeus contra os ataques e as manifestações de antissemitismo. E assim podemos observar na seguinte passagem sobre semelhante ordem:

*I was recruited by the Fraternity the same evening. At some point during the unofficial part of the proceedings, Hahn and Atilla, both of whom were to become my intimate friends, involved me in a political conversation. Attila started by asking what I thought of Zionism. I answered truthfully that I had never thought about it and hardly knew what the word meant. It meant, in substance, explained Attila, that the Jews had been persecuted during some twenty centuries and that there was no reason to expect they would not be persecuted in the twenty-first. To argue with anti-Semites was all the more hopeless as the Jews were in fact a sick race. They were a nation without a country, which was like being a man without a shadow; and they were socially top-heavy, with a disproportionately great number of lawyers, merchants, intellectuals, and with no farmers or peasants – which was like a pyramid standing on its top. The only cure was: return to the Earth. If Jews wanted to be like other people, they must have a country like other people and a social structure like other people. That was all there was to it, and there was no other way.<sup>5</sup> (KOESTLER, 2005, p. 118).*

No fragmento anterior, além de expor a última consideração que fizemos acerca da *Unitas*, também somos capazes de observar estruturas presentes em outras obras do autor; de modo que quando falamos de “estruturas”, referimo-nos a encadeamentos de palavras e a sucessões lógicas de discurso que correspondem a padrões de pensamento constantes nas enunciações de Koestler, tanto em sua autobiografia, quanto em sua obra

---

<sup>5</sup> Fui recrutado pela Fraternidade na mesma noite. Em algum momento, durante a parte não-oficial dos procedimentos, Hahn e Atilla, os quais estavam para se tornar meus amigos íntimos, envolveram-me em uma conversa política. Attila começou perguntando o que eu achava do sionismo. Eu respondi com sinceridade que nunca tinha pensado sobre isso e mal sabia o que a palavra significava. Sionismo significava, em substância, explicou Átila, que os judeus tinham sido perseguidos durante cerca de vinte séculos e que não havia nenhuma razão para esperar que não fossem perseguidos no vigésimo primeiro. Dialogar com os antissemitas era ainda mais desesperador do que admitir que os judeus eram de fato uma raça doente. Eram uma nação sem país, o que era como ser um homem sem sombra; e eram socialmente bem posicionados, com um desproporcional grande número de advogados, comerciantes, intelectuais, sem agricultores ou camponeses – o que era como uma pirâmide que se suporta pelo seu topo. A única cura era: retornar à Terra. Se os judeus queriam ser como as outras pessoas, eles deveriam ter um país como as outras pessoas e uma estrutura social, como as outras pessoas. Isso era tudo o que se precisava, e não havia nenhuma outra maneira (Nossa tradução).



fictícia. Exemplo disto, é sugestão de que os judeus seriam espécimes de uma raça fraca, enunciado que é sucedido pela sugestão de que esta fraqueza seria motivada pela ausência de um país que abrigasse a nação, algo que implicitamente sugere que se trataria de uma raça nômade; ora, em *Arrival and Departure*, Bernard, novamente, segue o mesmo percurso lógico, para então concluir que o gene nômade da espécie deve ser suprimido, na forma da eliminação de determinadas raças, incluindo os judeus.

Ainda a respeito da tomada sionista que Koestler dera em sua juventude, no capítulo décimo terceiro, na segunda parte de *Arrow in the blue*, denominado "*The First Crusade*", é curioso observar a postura do autor em relação ao judaísmo, tendo-se em vista que, neste ponto, isto é, capítulo, aparenta aprofundar suas divagações acerca do assunto, principalmente porque nos revelam uma espécie de cisão existente entre os judeus do Leste e os do Oeste. O judaísmo não lhe atraía, pois enquanto indivíduo radicado no Oeste, Koestler havia sido educado sob combinações de literatura húngara, russa, francesa e inglesa; algo muito diferente da educação fornecida pela literatura talmúdica que recebiam os judeus do Leste, como os poloneses e os russos, crescidos em linguagem ídiche, ainda dentro dos guetos. Com tais judeus, Koestler veio a travar contato justamente quando partiu para a Palestina, no ano de 1926. Para o autor, os judeus do Leste eram criaturas caducas, ressequidas pelo isolamento dos próprios guetos aos quais se trancafiaram durante séculos, e haviam transformado uma religião do deserto e nômade em um culto do encarceramento, assentada. Não podiam viver em um país real, pois não o tinham, e então aguardavam, silenciosos, na esperança de uma terra prometida, criando a cada dia novas contradições entre suas leis:

*Most bewildering of all was the Discovery that the saga of the "Chosen Race" seemed to be taken quite literally by traditionalist Jews. They protested against racial discrimination, and affirmed in the same breath their racial superiority based on Jacob's covenant with God. Since I had learned at the age of six that Hungary was the feather in God's cap, I had become impatient, and indeed allergic, towards all claims of belonging to a chosen race. The long and short of it is that the more I found out about Judaism the more distressed I became – and the more fervently Zionist. The Jewish State was the only cure for a sickness which I could not name or define, but which seemed intimately connected with Jews' lack of country and a flag of their own. In the absence of these, they were paying guests in the houses of strangers, and whether tolerated or beaten up, were always regarded as different; therein lay the root of the sickness. When the*

*Jewish State was reestablished, the cure would be automatic and all would be well.*<sup>6</sup> (KOESTLTER, 2005, p. 138).

Tais palavras se recortam de *Thieves in the night* (1946) e se colam em *Arrow in the blue*. Na narrativa mencionada por Koestler, José, o protagonista e integrante de um *kibutz*, ou seja, uma espécie de assentamento judaico, relata-nos acerca dos judeus dos guetos, dizendo-nos que estes estariam postos sem casa sob o espaço; sem expansões a novas dimensões e que, como os cegos que desenvolvem o tato e a audição, sua perda de senso espacial havia se transformado, voltando-se para dentro, enquanto o vento os espalhava pelos países; o que provavelmente lhes havia feito crescer a arrogância espiritual: consequências da privação de espaço, segundo o autor; privados do hoje, centravam-se na eternidade. A cura, ou seja, a solução para tal situação, novamente era a criação de um estado judaico, um país para uma nação.

O problema e a cisão no movimento, não inesperadamente, surgiam justamente do conflito entre o Leste e o Oeste, por assim dizer. E deste entrave teria Koestler participado ativamente como um dos fundadores da *Zionist Revisionist World Organization*, conjuntamente a Vladimir Jabotinsky, Norbert Hoffman e Benjamin Akzim. A cisão consistia no viés e no direcionamento que tomaria a criação do que hoje é Israel. Os judeus do Leste, que tinham maior força, personificavam o tradicionalismo dos guetos, e os do Oeste, que lhes faziam frente, personificavam o liberalismo ocidental. Segundo Koestler, a maioria dos sionistas de seu tempo visualizava a criação de um estado nacional como uma espécie de “gueto glorificado”, só que sem as restrições de espaço existentes em um gueto real, mas com as tradições e a atmosfera de um gueto real – e até mesmo com a repetição da arquitetura dos guetos reais, arquitetura que os primeiros colonos dos assentamentos na Palestina piamente haviam feito questão de imitar. Em contrapartida, para Jabotinsky, liderança da coalisão a qual pertencia Koestler, sionismo significava uma ruptura completa com a tradição; o que significava uma “ocidentalização”, com um governo parlamentar modelado com base na Grã-

---

<sup>6</sup> O mais desconcertante de tudo foi a descoberta de que a saga da "Raça Escolhida" parecia ser tomada inteira e literalmente por judeus tradicionalistas. Protestam contra a discriminação racial, e afirmam ao mesmo tempo e de um só fôlego, sua superioridade racial com base no convento de Jacó com Deus. Desde que eu tinha aprendido, com a idade de seis anos, que a Hungria era a pena no chapéu de Deus, havia me tornado impaciente e, de fato, alérgico, contra todas as reivindicações de se pertencer a uma raça escolhida. A curto e grosso, quanto mais eu descobria sobre Judaísmo, mais angustiado eu me tornava - e mais fervorosamente sionista. O Estado Judeu era a única cura para uma doença que eu não poderia nomear ou definir, mas que parecia intimamente ligada com a falta de um país Judeu e uma bandeira própria. Na ausência de bandeira e de país, foram pagando pensões na casa de estranhos e, se tolerados ou espancados, foram sempre considerados como diferentes; aí estava a raiz da doença. Quando o Estado judeu fosse reestabelecido, a cura seria automática e tudo estaria bem (Nossa tradução).

Bretanha, com uma educação inspirada nas escolas laicas francesas, e um exército nacional, e, para tornar a heresia completa, latinização do alfabeto hebraico, considerado obsoleto. O resultado inevitável foi que ele, Janotinsky, fora denunciado como herege, antisemita, militarista e, mais tarde, é claro, fascista. Mais detalhes acerca deste assunto podem ser encontrados dentre as obras do autor, Koestler, além de *Thieves in the night* (1946), em outras como *Scum of the Earth* (1941) e *Promise and Fulfilment* (1949). Entretanto, ainda em *Arrow in the blue*, Koestler (2005, p. 144) especifica quais seriam os objetivos da organização sionista da qual veio a participar:

*The main points of our programme were: that the aim of Zionism was to establish a Jewish State on both sides of the Jordan. That the prerequisite of a Jewish State was the establishment of a Jewish majority in Palestine. That a majority could only be established by mass-immigration, facilitated by an international loan instead of by international beggary. That instead of costly and diminutive, utopian experiments, the Zionist organization should concentrate its efforts on attracting the capital of Jewish industrialists, and the masses of the Jewish middle classes. That to facilitate the development of industries in Palestine, temporary protective tariffs should be established. That a Jewish militia should be legalized under British command for purposes of self-defence, to end the humiliating situation of Jews in their own country having to rely on the protection of British soldiers and taxpayers. That to break the hostility of the Colonial Office and the Palestine local administration, a mass petition should be organized in which world Jewry laid the facts, and its aspirations, before the people of Britain and its Government. That after the Jewish State was established, it should be incorporated as the seventh dominion in the British Commonwealth of Nations.<sup>7</sup>*

Não nos cabendo adentrar mais no mérito destas questões, deixando então de lado as reflexões que giram em torno de até que ponto estas medidas tenham sido ou não alcançadas e até que ponto as divergências entre as frentes de construção de um estado judeu tenham-se perpetuado, ou se conciliado, cabe-nos partir agora para o

---

<sup>7</sup> Os principais pontos do nosso programa eram: que o objetivo do Sionismo era estabelecer um Estado judeu em ambos os lados do rio Jordão. Que o pré-requisito de um Estado Judeu era o estabelecimento de uma maioria judaica na Palestina. Que a maioria só poderia ser estabelecida por imigração massiva, facilitada por um empréstimo internacional, em vez de uma mendicância internacional. Que, em vez de experimentos utópicos caros e diminutos, a Organização Sionista deveria concentrar seus esforços em atrair capital de industriais judeus, e das massas da classe média judaica. Que, para facilitar o desenvolvimento de indústrias na Palestina, deveriam ser estabelecidas tarifas protecionistas temporárias. Que uma milícia judaica deveria ser legalizada sob comando britânico para fins de autodefesa, para acabar com a situação humilhante dos judeus que, em seu próprio país, têm de invocar a proteção dos soldados e dos contribuintes britânicos. Que, para quebrar a hostilidade do Escritório Colonial e da administração local Palestina, uma petição em massa deveria ser organizada, nesta os judeus do mundo lançariam os fatos, e suas aspirações, diante do povo da Grã-Bretanha e de seu governo. Que, depois de criado o Estado judeu, este deveria ser incorporado como o sétimo domínio na Comunidade Britânica de Nações (Nossa tradução).

momento em que Koestler resolveu abandonar a causa, vindo a se decepcionar com a mesma, incluindo, em semelhante decepção, aquilo que chamou de *Jerusalem sadness*.

Após a queima de seu *index*, o registro que lhe garantiria a titulação de engenheiro, Koestler havia partido para Jerusalém, alistando-se como voluntário em um dos assentamentos da Terra Prometida. O ano era o de 1926, e o dia, o primeiro de abril. Era um momento crítico para os Koestler's, seu pai havia falido novamente e partira com a esposa, de Viena para Londres, na tentativa de encontrar novos empreendimentos; por hora, o único empreendimento que havia dado certo se tratava da formação do jovem Arthur que, sozinho em Viena, encontrara-se com uma personagem digna de Dostoievski em um dos bares da cidade e, faltando apenas um semestre para que encerrasse seu curso, decidiu-se por queimar os únicos registros que lhe concederiam o grau de engenheiro sob o pretexto de que: "*Life was a chaos, and to embark on a reasonable career in the midst of chaos was madness.*"<sup>8</sup> (KOESTLER, 2005, p. 155). Sobrara-lhe partir para a Palestina e tentar cultivar o solo pedregoso da região.

O dado é que, apesar das descrições que levantamos acerca da causa sionista e das pretensões que possuía, segundo a visão que tivemos, a partir da ótica do autor, a carreira de Koestler, enquanto colono, não durou muito. Sua primeira cruzada terminou no ano de 1927, um ano após ter ingressado ao movimento. Em *Kvutsa Heftsebã*, o assentamento, no vale de *Yesreel*, Koestler foi descartado pela liderança após responder a uma simples pergunta; um ancião, mencionado pelo autor apenas como Dr. Loebli, teria perguntado se o rapaz desejava trabalhar em Tel Aviv, ao que a resposta positiva significou o seu descarte, visto que os colonos necessitavam de pessoas que quisessem construir suas vidas em *Kvutsa Heftsebã*. Koestler foi dispensado pouco tempo depois, com a chegada de seu substituto, outro jovem vindo da Europa, para a qual, infelizmente, não se tinha passagem de volta.

Posteriormente, vagando pela cidade de Haifa, ao centro norte da Palestina, veio a conhecer a fome por cerca de um mês, antes de ser acolhido por um amigo, antigo companheiro da *Unitas*, Abram Weinshall, com quem fez circular um jornal hebraico semanal denominado *Zafon*, além de cuidar de uma agência de notícias para a Europa, a *Sokhnut Medinit Leumit* e também cooperar com a direção de uma liga de proteção legal em apoio aos judeus, a assim chamada *Shutenu*. Ocupações que vieram a ruir, visto

---

<sup>8</sup> A vida era um caos, e embarcar em uma carreira razoável no meio do caos, era uma loucura (Nossa tradução).

que sobreviviam de donativos das comunidades judaicas que assinavam o recebimento das edições do *Zafon* na Palestina e na Europa. A quebra de Weinshall e Koestler motivou-se pela ação de um suposto empregado do jornal, de nome Rabinowitch (explicitamente uma piada), que teria recolhido o dinheiro de todas as assinaturas antes que Koestler e Weinshall o fizessem, e então desaparecido na direção de Bagdá.

Tendo falhado como arquiteto, como pioneiro na colonização e como jornalista, Koestler agora se tornara vendedor de limonada; vindo a sucumbir por novo e maior período de fome. Neste tempo, dormiu pela concessão de favores no piso de lojas, enquanto estas permaneciam ainda fechadas ao público, e em outros lugares de valor mais baixo, até que, prolongando um pouco desta situação em Tel Aviv, de onde continuamente seguia a enviar artigos e escritos para os jornais europeus, como o *Neue Freie Presse*, veio a encontrar outras ocupações. A primeira delas foi em uma agência de viagens, onde tinha de transcrever correspondências comerciais vindas da França e da Inglaterra, também tendo que traduzir para as respectivas línguas as cartas que para lá se endereçavam; a ocupação resultou em fracasso e a demissão veio em poucas semanas. Então voltou a trabalhar com um dos Weinshalls, desta vez, um primo de Abram, de nome Ilyusha, como ajudante de agrimensor, tendo que percorrer várias extensões de terra desértica, correndo e segurando uma estaca de madeira sob o sol palestino para delimitar a construção de novas casas e a divisão de novos terrenos em Tel Aviv, coisa que lhe continuava a render pouco sustento; ao que, depois, conseguiu vender alguns anúncios para um periódico hebraico da Associação Comercial de Tel Aviv, lugar onde foi paulatinamente conseguindo mais espaço enquanto jornalista, até lhe surgir uma oportunidade na Alemanha, como correspondente do *Ullstein Verlag* em território estrangeiro.

Deste período, durante ao qual se reportou ao *Ullstein Verlag*, resulta uma série de outras impressões que Arthut Koestler deixou em sua autobiografia, *Arrow in the blue*, inclusive no que se refere à mencionada *Jerusalem sadness*. Algo que se alinhava com uma espécie de decepção política em relação à causa pela qual se empenhara, a sionista; algumas características do ambiente em que vivia e os conflitos políticos e religiosos pareciam-lhe fazer germinar semelhante “tristeza”.

Sua decepção política com o movimento sionista era sucedida de algo como um estado de inanição e conformismo para com os eventos que presenciava, então originando a “tristeza de Jerusalém”. *Jerusalem Sadness*, dentro das reflexões do autor, configura sua resposta ao “clima” que encontrou em solo palestino: constantes conflitos

entre árabes e judeus, conflitos que se manifestavam das mais variadas formas, desde o favorecimento comercial, ou não, de um associado, tendo por base o seu pertencimento a uma ou outra denominação cultural e religiosa, até ao apedrejamento de carros que ousassem circular aos sábados. Além disso, nesse quesito religioso, para o qual o autor expressava seu profundo descontentamento no que tangia à intolerância e aos discursos de supremacia, Koestler (2005, p. 233) cita que o presente ambiente no qual vivia, possuía certa disposição ao desenvolvimento de mentes doentias e alucinadas:

*The Holy Land exerts a Strong attraction on eccentrics, prophets, monomaniacs and reformers; there are probably more cranks to the square mile in Jerusalem than in any other town. One of them made a strong impression on me at that time. He lived in one of the seventy burial shafts known as the "Tombs of the Judges" on the outskirts of Jerusalem, where the city ends and the desert begins. I had read a notice in small print about him in one of the local papers; it said that he was worshipped by the oriental Jews in the Bokharian Quarter who on every Sabbath flocked to his cave and believed that he was Messiah. So one afternoon in December, 1927, I walked out to the Judges' Tombs. On my way I was caught in one of Jerusalem's famed tropical cloudbursts. The white chalk-dust on the streets, product of the decaying rock on which the city is built, was instantly transformed into mud. Blinded by rain, I waded through an ankle-deep morass to the tombs; a little Bokhari boy, who was my guide, pointed out the cave in which the Messiah lived, then ran away. I climbed down the shaft into a small, damp burial chamber steeped in a foul smell and muddy twilight; and there was the prophet. He was short, and thus able to stand almost upright in the low cave; he had black, tangled hair which fell in locks on to his shoulders and around his rotting shirt; a bloodless face, and large, gentle eyes. He was young, under thirty, and talked in a pleasant, normal voice. He seemed to take my visit for granted, and explained quietly that some people thought him mad, but that more believed in him; that he had been a physician, and had several times tried to commit suicide when the spiritual torment had become too great for him; that later on he had lived as a hermit in the desert of Sinai, and after that on Mount Nebo, where Moses had died. "I had a peaceful time on Nebo", he said thoughtfully, "only the Bedouin were a nuisance; once I had to kill three of them." He went on to tell me in the same quiet, convincing manner that at the age of four he had predicted every event that had happened since; that 1928 would be the year of the Last Judgment, when God would again walk through the streets of Jerusalem; and that God would be a woman from top to waist, a man from waist to toe. Out of every nine people seven would die. "But you", he explained, bringing his shining eyes uncomfortably close to mine, "will be among the remaining two." He added: "Have you got a cigarette? I am not an ascetic." We lit cigarettes – he standing in the smelly burial chamber which only had space for one, I crouching on the slippery steps dating from Roman days that led down to it. He accused me in a mild voice of being sceptic; of not really believing in him; of suspecting that he had an idée fixe – whereas in fact he was working on a book that would*

*decipher all the secrets of the universe contained in veiled hints in the Bible. As I had always wanted to decipher the secrets of the universe myself, I felt a growing sympathy for him. The prophet, however, lost interest in my presence, squatted down on the damp sand of the cave, and sang one of those heart-rending Eastern Jewish songs that are irresistible because of their unrestrained self-pity. The effect was enhanced by the hollow acoustics of the cave and the drumming of the torrential rain outside. When the son was over, he said: "I know you want proofs. That is simple. Think of the earthquake" (there had been that year one of the worst earthquakes in Palestine's history). "Four hundred dead! I did it! It was simple. Like this..." He picked up two stones which were the only furnishings of the cave, and hit them against each other in a sudden fury "That is how I made the earthquake. Are you convinced now?" I said I was, promised I would come back, handed him the sopping loaf of bread that I had brought, clambered out of the shaft into the rain and plodded back towards the veiled lights of the city – steeped in that peculiar kind of depression which I had named for myself "Jerusalem Sadness." In the depths of the cave, Messiah was again singing.<sup>9</sup>*

---

<sup>9</sup> A Terra Santa exerce uma forte atração sobre profetas excêntricos, monomaníacos e reformadores; há provavelmente mais “malucos” (cranks) por milha quadrada em Jerusalém do que em qualquer outra cidade. Um deles me causou uma forte impressão àquela época. Ele vivia em uma das setenta “covas de enterro” conhecidas como as “Tumbas dos Juízes”, nas periferias de Jerusalém, onde a cidade termina e começa o deserto. Eu havia lido um anúncio em uma pequena publicação a seu respeito em um dos jornais locais; dizia que ele era adorado por judeus orientais no quarteirão dos Bokharian, que durante todos os Sabbath afluíam aos bandos para sua caverna e acreditavam que era ele o Messias. Então, em uma tarde de dezembro, 1927, saí a pé rumo às Tumbas dos Juízes. Em meu caminho fui pego por umas das famosas, súbitas e violentas explosões tropicais de chuva. O pó branco de giz das ruas, produzido pela sedimentação das rochas sob as quais a cidade fora construída, era instantaneamente transformado em lama. Cegado pela chuva, vadeei através dos charcos, atolado à altura dos tornozelos, rumo às tumbas; um pequeno rapaz Bokhari, que era meu guia, apontou-me a caverna na qual vivia o Messias, e então correu pra longe. Eu desci pela pilastra para dentro de uma câmara funerária pequena e úmida, mergulhada no mau cheiro e na penumbra lodosa do barro; e lá estava o profeta. Era baixo e, desse modo, capaz de se manter de pé dentro da caverna baixa; tinha cabelos negros, desgrenhados, que caíam aos cachos sobre os seus ombros e ao redor da camisa apodrecida; o rosto sem sangue, de olhos grandes e gentis. Era jovem, abaixo dos trinta, e falava com uma voz afável e natural. Parecia considerar minha visita como garantida, e explicou quietamente que algumas pessoas o tinham por louco, mas que a maioria acreditava nele; que havia sido um físico, e que por várias vezes tentara cometer suicídio, quando o tormento espiritual lhe havia se tornado por demasiado grande; explicou que depois havia vivido como eremita em um deserto de Sinai, e depois disso, no Monte Nebo, onde havia morrido Moisés. ‘Eu tive paz em Nebo,’ disse ele pensativamente, ‘apenas os beduínos eram um incômodo; uma vez tive que matar três deles.’ Ele continuou a me contar, com o mesmo tom, tranquilo e convincente, que à idade de quatro anos ele houvera predito cada evento que acontecera desde então; que 1928 deveria ser o ano do Julgamento Final, quando Deus novamente deveria caminhar através das ruas de Jerusalém; e que Deus seria uma mulher da cintura para cima, e um homem da cintura para baixo, aos dedos do pé. De cada nove pessoas, sete morreriam. ‘Mas você,’ ele explicava, trazendo seus olhos reluzentes inconfortavelmente para mais perto de mim, ‘irá estar dentre os dois restantes.’ Ele acrescentou: ‘Você tem um cigarro? Eu não sou um asceta.’ Acendemos cigarros – ele de pé, no mau cheiro da cova, onde só havia espaço pra um; e eu me agachando em passadas escorregadiças por degraus que datavam dos dias de Roma, conduzindo-me para dentro da câmara. Ele, com uma voz branda, acusou-me de ser um cético; de não lhe acreditar realmente no que dizia; de lhe suspeitar que estivesse tomado por uma idéia fixe (obsessão) – ao passo em que ele, pelo contrário de mim, trabalhava em um livro que decifriaria todos os segredos do universo, todos os segredos contidos nas insinuações veladas da Bíblia. Como eu mesmo sempre havia desejado decifrar os segredos do universo, senti uma crescente simpatia por ele. O profeta, entretanto, perdeu interesse em minha presença, e se agachou sobre a areia úmida da cova, cantando umas daquelas canções de cortar o coração, canções dos judeus do oriente, que são irresistíveis justamente por conta de sua auto-piedade

Por mais delongada que tenha sido esta citação, decidimos por colocá-la da forma como colocamos, em toda a extensão, para que pudéssemos destacar outra característica do autor, a da afeição pelo ilogismo e pelos atos de irracionalidade. Nesta época, Koestler já havia abandonado a causa sionista e vagava pelas ruas de Jerusalém; sua narrativa segue além do ponto de onde teria deixado o profeta para trás, dentro de sua cova/caverna. Segundo o autor, tal profeta teria engravidado uma moça que lhe levava pão e água com constância, algo que fizera com que os judeus, neste caso os *Bokharians*, tipos conservadores do Leste, resolvessem por apedrejá-lo como falso messias. Para Koestler, estes acontecimentos se somavam aos apedrejadores de carros, dando forma a um objeto dúbio, uma criatura que unia a vida e a religião à morte e à brutalidade, como se a face furiosa de Jeová se refletisse no espelho sereno das águas, entre o pulsar de carpas coloridas, ou nas pétalas das flores de um jardim.

Ademais, para incluirmos mais dados, dentre os fatores que lhe conduziram a abandonar a causa sionista, ajuntavam-se outros dois pontos ligados à personalidade do autor e às suas constatações do ambiente no qual se submetera ao convívio. Primeiramente, segundo Koestler, durante o tempo que passou em Tel Aviv, faltavam contos à cidade, não se possuía um folclore. Faltavam autonomia, cabarés, teatros, um conselho municipal que legislasse sobre o tráfego de automóveis aos sábados, zoológicos, museus, etc. Para o autor, Tel Aviv, por exemplo, era uma cidade sem passado, a nação inteira não o possuía, o que fazia crescer um gosto de irrealidade pelas ruas. E, em segundo lugar, existia algo mais íntimo, mais do que uma impressão pessoal do local; Koestler (2005, p. 244) sentia-se um estrangeiro, um europeu em território palestino:

*I could renounce European citizen-status, but not European culture. I was a romantic fool, in love with unreason; but on this point my instinct allowed no compromise. I knew that while in Hebrew-language environment I would always remain a stranger; I would at the same time gradually lose touch with European culture. I had left Europe at the age of twenty. Now I was twenty-three and had my fill of*

---

incontida. O efeito era aprimorado pela acústica do vazio das cavidades da caverna e pelo tamborilar torrencial da chuva, pelo lado de fora. Quando terminou a canção, disse: ‘eu sei que deseja provas. Isso é simples. Pense no terremoto’ (havia acontecido naquele ano um dos piores terremotos da História palestina). ‘Quatro centenas de mortos! Eu o fiz. Foi simples. Como isso...’ Ele tomou duas pedras, quer eram a única mobília de sua cova, e as golpeou, uma contra a outra, em um gesto de súbita fúria. ‘Eis como fiz o terremoto. Está convencido agora?’ Eu disse que estava, prometi que voltaria, entreguei-lhe uma fatia ensopada de pão, que eu havia trazido, e escalei para fora da caverna, de volta para a chuva, arrastando-me rumo ao manto de luzes emurchecidas da cidade – embebi-me naquele peculiar tipo de depressão que havia denominado ‘Jerusalem Sadness’. No abismo da caverna, o Messias estava novamente cantando (Nossa tradução).



*the East – Both of Arab romantics and Jewish mystique. My mind and spirit were longing for Europe, thirsting for Europe, pining for Europe.*<sup>10</sup>

Sua forma de constante e inconstante devoção à irracionalidade nos momentos de tensão, como este em que tivera que abandonar o sionismo, parece funcionar como um avesso de todas as coisas que fizera, de maneira que o autor, como quando da queima de seu registro acadêmico, acabava por desconstruir o que havia levantado. Diga-se de passagem, é algo interessante, se percebermos que seus personagens o repetem. Peter, em *Arrival and Departure*, desfaz todas as suas convicções políticas; Rubashov, em *Darkness at Noon*, enquanto membro da inteligência comunista, é responsável por vários atos de sabotagem contra o Partido que ajudou a constituir e Espártaco, em *The Gladiators*, embora lute até o final, também perde todas as suas convicções de construir um estado social independente do Império Romano e, conquanto lute, luta apenas pela certeza de que deve morrer, bem como da forma com que morreram suas ideologias e sua causa.

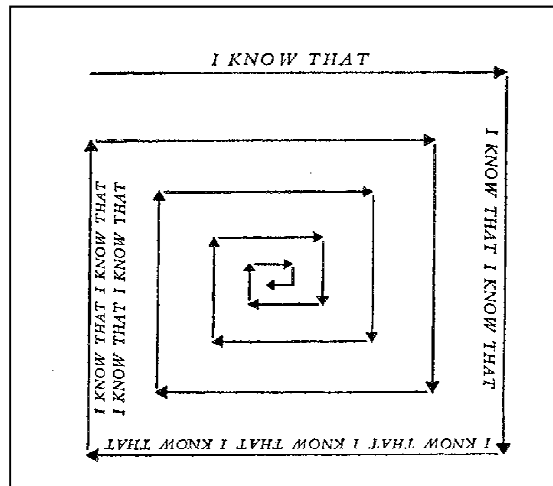
Igualmente interessante é que o autor justifique suas fugas para a irracionalidade através da apresentação de uma esquematização do inconsciente. Para Koestler, trata-se de um pensamento que teria desenvolvido desde os dezesseis anos de idade, o seu *Paradox of the Ego Spiral*. Para o autor, quando um cão está comendo o seu repasto, o cão se regozija; mas a pergunta seria: saberia o cão que ele se regozija? Semelhantemente, um homem pode ler uma novela policial, e assim também pode se regozijar; e saberia que estaria se regozijando; mas saberia o homem que sabe que estaria se regozijando? E então, se pensássemos por nós mesmos, que estamos pensando neste problema, saberíamos nós que sabemos que estamos pensando neste problema? Para Koestler, esta esquematização levaria a um nível de introspecção que deslocaria o sujeito de sua posição atuante, enquanto senhor de suas ações. Em razão de seu manifesto gosto pela matemática e pela geometria, tais considerações levaram o autor a construir duas representações para o que apresentamos. A representação matemática de seu inconsciente exporia uma espiral numérica dirigida ao centro do indivíduo, contudo, nunca o alcançaria em sua unicidade; este, o indivíduo, o “um”, bipartir-se-ia em “dois”,

---

<sup>10</sup> Eu podia renunciar o status de cidadão europeu, mas não à cultura europeia. Eu fui um tolo romântico, apaixonado pela irracionalidade; mas nesse ponto, meu instinto não permitiu qualquer compromisso. Eu sabia que, enquanto em um ambiente de língua hebraica, eu seria sempre um estrangeiro. Eu podia, ao mesmo tempo, gradualmente perder contato com a cultura europeia. Tinha deixado a Europa na idade de vinte anos. Agora tinha vinte e três e já tinha tido o suficiente do Oriente - Tanto da mística judaica quanto dos românticos árabes. Minha mente e meu espírito sentiam falta da Europa, tinham sede da Europa, ansiavam pela Europa (Nossa tradução).

em sua metade:  $\frac{1}{2}$ ,  $\frac{1}{4}$ ,  $\frac{1}{8}$ ,  $\frac{1}{16}$ ,  $\frac{1}{32}$  e sucessivamente, infinitamente. Talvez por isso uma de suas obras tenha sido traduzida para o português como: *O Zero e o Infinito* (2013); obra que, aliás, por primeiramente ter sido escrita em alemão, levando o título de *Sonnenfinsternis* (1930), veio a ganhar, na edição inglesa, o título de *Darkness at Noon* (1940). Vejamos agora a representação geométrica de Koestler:

Figura 1 Paradox of the Ego Spiral, esquema geométrico do inconsciente de Koestler.



Fonte: KOESTLER, 2005, p. 100

Embora exista a possibilidade de concluirmos que o esquema sugere um grau de conhecimento mais elevado do interior do indivíduo, partindo cada vez mais para o interior do mesmo, a situação se mostra contrária a semelhante conclusão, visto que estamos diante de uma substância que se revela impalpável, e mais do que meramente “impalpável”, revela-se *cada vez* mais impalpável, na medida em que se perde gradualmente a noção daquilo que se sabe que se sabe. Para Koestler, seria como se nos dirigíssemos para o centro de algo sem nunca alcançá-lo, pois as frações do indivíduo ( $\frac{1}{2}$ ,  $\frac{1}{4}$ ,  $\frac{1}{8}$ ,  $\frac{1}{16}$ ,  $\frac{1}{32}$  ...) gerariam frações cada vez menores do ser, nunca alcançando a origem, ou seja, o princípio, algo que Koestler denominou: “zero”. Isto era algo perturbador para o autor e encarnava o contraponto de outra situação por ele definida, situação que legou o nome de sua autobiografia, *Arrow in the Blue*. A “seta no azul” seria a expansão da consciência humana para fora do espaço delimitado à sua condição, ou seja, a Terra, o corpo, os sentidos. Apenas hipoteticamente, Koestler imaginava como seria transportar-se para além do azul, onde o espaço se enegrece; seria mais do

que “transportar-se para cima”, uma vez que as noções de “baixo” e “em cima” só existem por uma questão de relatividade e configuram uma ilusão dos sentidos humanos, visto que não existem pontos fixos no espaço, enquanto um acontecimento físico. De modo que, enquanto buscar compreender o universo aparentemente apaziguava o espírito de Koestler, em uma espécie de *Big Bang* corpóreo, partir para dentro de si desencadeava um sentimento assustador, assim como o silêncio dos espaços infinitos de Pascal.

Em contrapartida, também com base nas respectivas elucubrações é que o autor justificou sua aproximação dos movimentos aos quais se filiou. Do mesmo modo que razões sentimentais o fizeram se assentar junto aos coligados da *Unitas*, assim o fizeram se aproximar do comunismo e das ideias marxistas, que depois veio a rejeitar, passados sete anos de seu alistamento às colunas. Sua rejeição pelo marxismo, inclusive, teve muito a ver com o desenvolvimento do esquema que expusemos acima.

Koestler partiu para a Palestina no dia dos tolos do ano de 1926 e voltou para a Europa, desembarcando em Paris, no Dia da Bastilha do ano de 1929, partindo para Berlim em 14 de setembro de 1930, após uma série de viagens divididas em pequenos percursos, sem dinheiro, visto que voltara arrasado da experiência sionista. Curiosamente, 14 de setembro de 1930 foi ano em que o Partido Nacional Socialista, o partido de Hitler, ascendeu sua predominância em oitocentos por cento no número de cadeiras do Parlamento Alemão. Koestler trabalhava agora não mais como correspondente, mas no edifício central do *Vossische Zeitung*, como editor da coluna de ciências do jornal. Àquele ponto, segundo o autor, o peso da situação já pairava no ar, sem que as medidas mais conhecidas do nazismo ainda tivessem sido implantadas na forma dos campos de concentração e das deportações em massa, ou que pelo menos se tivesse conhecimento delas. Clima que, conforme Koestler, paulatinamente soterrou o ar alemão; no início, pequenas medidas, como proibições de circulação e o impedimento da entrada em determinados estabelecimentos, bem como demissões injustificadas de trabalhadores judeus. Para semelhante momento, sendo judeu, Koestler usa uma interessante forma para descrever os ânimos dos judeus na Alemanha daquele tempo: sentiam-se como se alguém, com uma espada muito afiada, tivesse-lhes decepado a cabeça, mas com um golpe tão preciso que ainda podiam caminhar sem que ela lhes decaísse de sobre o pescoço, de forma que temiam olhar para os lados, ou mesmo acenar com a cabeça.

Voltar-se para o comunismo era a medida mais lógica. Atraído pelas imagens da infância, dos protestos que presenciara, da marcha fúnebre e do que vivera durante os cem dias de duração do governo socialista húngaro e, novamente, atraído pelo clima de camaradagem, como o que encontrara na *Unitas*, e posteriormente pelo sucesso do primeiro plano quinquenal russo, que vigorou sob o comando da extinta U.R.S.S, Koestler aderiu aos estudos marxistas. Vindo depois a concluir que deixara um sistema de pensamento mais aberto para aderir a um sistema completamente fechado, algo que, para o autor, beirava o dogma; e isto é uma das coisas que veio a lhe fazer deixar a causa, somando-se que o governo russo havia também acertado um tratado de não agressão com os nazistas, e as explicativas dialéticas para a questão pareciam não lhe contentar. Intrigantemente, a acusação de que as causas sociais e os seus respectivos movimentos tendem a apagar os indivíduos e sua personalidade, indicando, segundo Koestler, inclusive uma falha no grande projeto russo, é algo que constantemente toma forma no conteúdo de sua ficção, não somente pelo que encontramos em *Arrow in the blue*, mas por uma considerável quantia de suas personagens morrerem em devaneios do inconsciente, enquanto agonizam e abdicam da causa.

Arthur Koestler veio a falecer em 1983, nos Estados Unidos. Após ter defendido a ideia de suicídio em obras como *Dialogue with Death*, provocou eutanásia a si mesmo e à sua esposa, Cynthia Jefferies, que se voluntariou. O autor, que sofria de mal de Parkinson e de leucemia, sem prognósticos de cura, doou seus bens a uma fundação destinada a pesquisas parapsicológicas.

## Referências

KOESTLER, Arthur. **Arrival and departure**. US: Macmillan Company, 1943.

\_\_\_\_\_. **Arrow in the blue**. London: Vintage, 2005.

\_\_\_\_\_. **Cruzada sem cruz**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.

\_\_\_\_\_. **Chegada e partida**. São Paulo: Editora Germinal, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os Gladiadores**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Zero e o Infinito**. Barueri, SP: Amaryllis, 2013.

ROSENFELD, Anatol *et al.* **Entre dois mundos**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1967.